

EDITORIAL

OBSERVAÇÃO DE UM PASSADO RECENTE: A AÇÃO DO LHIA

Margaret Marchiori Bakos*

O Laboratório de História Antiga (LHIA), unidade de pesquisa, ensino e extensão ligada ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), legalmente formalizada em 1993 – completa, em 2008, quinze anos de existência. O centro de estudos traz consigo, em seu próprio logotipo, a imagem da deusa Palas Atená, cujos atributos foram cantados em versos pelos *aedos*, no século VIII a.C. Hesíodo, em busca de uma conciliação entre as várias versões sobre a gênese dessa divindade, protetora da mais importante cidade-Estado da Grécia antiga, louvou as qualidades de inteligência, independência e tenacidade da filha dileta de Zeus, nascida *pronta* para a luta por seus ideais.

Ao rememorar, nesta data, a ação tão expressiva do LHIA, é impossível deixar de falar das competências dessa deusa protetora, tão presentes no processo histórico do Laboratório. Em outras palavras, não há como ignorar o tom aguerrido que o LHIA conferiu à sua trajetória de valorização da História Antiga.

Desde 1993, o LHIA vem-se propondo como um espaço de conhecimento e discussão sobre História Antiga. Além do *fórum* anual de debates, ele tem gerado uma série de outras atividades de fomento aos questionamentos sobre o tema, dentre as quais salientam-se a promoção de cursos de extensão e de conferências, bem como a publicação da revista *Phoînix*, que circulou, pela primeira vez, em 1995. Vale lembrar que o LHIA, em 2001, foi um dos grupos de pesquisa fundadores do Programa de Pós-gra-

* Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); doutora em História (USP); pós-doutora (University College London); coordenadora do projeto de pesquisa *Egiptomania no Brasil*.

duação em História Comparada (PPGHC) do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Examinando a produção do LHIA, arrolamos mais de duas centenas de artigos, publicados na revista *Phoînix*. A maioria deles versa, é verdade, sobre temas do período greco-romano, mas há mais de uma dezena de trabalhos sobre hindus e hebreus, mais de uma vintena sobre celtas, egípcios e mesopotâmicos, e o dobro desse número dedicado ao cristianismo e às teorias da história.

É possível identificar, principalmente nos editoriais da *Phoînix*, o tom que vem permeando as iniciativas do Laboratório. Ao perceber a falta de um conhecimento erudito que conduzisse ao entendimento das diferenças históricas e à luta por relações mais justas e reflexivas, a equipe resolveu posicionar-se a respeito. Uma análise dos editoriais da *Phoînix*, à luz do pensamento de Paul Ricoeur, os compreenderia como partituras musicais, que permitem a nós, na condição de leitores-maestro, o exame dessas notações para, então, verificar entre elas, perfeita articulação existente ao longo dos anos: nada entre eles destoava ou desafina. Do primeiro, datado de 1995, ao último editorial, de 2007, estão todos em perfeita sintonia, cada texto em harmonia com os anteriores, pelo ritmo pedagógico e objetivo. Aliás, para chegar a essa conclusão, não se precisa sequer ir além dos títulos:

- 1995 – *É difícil ser especialista em História da Antiguidade*, sem autoria;
- 1996 – *O acervo de cultura clássica do museu nacional do Rio de Janeiro*, por Neyde Theml;
- 1997 – *O historiador às vésperas do 3º milênio*, por José Murillo de Carvalho;
- 1998 – *O que é a história ou quem é o historiador*, por Neyde Theml;
- 1999 – *Nós os diferentes: aqueles que trabalham com história antiga*, por Neyde Theml;
- 2000 – *Phoînix no século XX e no II milênio*, por Neyde Theml;
- 2001 – *Este admirável mundo novo*, por Neyde Theml;
- 2002 – *Um estilo de vida*, por Neyde Theml;
- 2003 – *O patrimônio histórico iraquiano: uma vítima esquecida*, por Marcelo Rede;

- 2004 – *História comparada: olhares plurais*, por Neyde Theml & Regina Bustamante;
- 2005 – *Entre Adão e Cabral, a Revista Phoênix (1995-2004)*, por Neyde Theml & Regina Bustamante;
- 2006 – *A historiografia recente e a pesquisa multidisciplinar*, por Eni Mesquista Sâmara;
- 2007 – *Editorial de um colaborador do LHIA*, por Ciro Flamarion Cardoso.

Já no início do LHIA, pode-se perceber o somido harmonioso provocado pelos diálogos entre um trio de professores – Norma Musco Mendes, André Leonardo Chevitarese e Regina Maria da Cunha Bustamante – sob a batuta de uma maestrina muito ágil, Neyde Theml, que regeu a todos eles, bem como a um *coro* formado pelos acadêmicos Fábio de Souza Lessa, hoje professor da UFRJ e atual organizador dos Ciclos, Manuel Rolph V. de Cabeceiras e Alexandre Carneiro Cerqueira Lima, atualmente professores da Universidade Federal Fluminense, responsáveis, em 2008, pela Jornada de Estudos da Antiguidade da UFF, já em sua X edição. Assim, ao longo dos anos oitenta, o LHIA criou o que hoje é uma orquestra *filarmônica* de proporções *faraônicas*, constituída por historiadores, arqueólogos, epigrafistas, filósofos e filólogos, todos considerados pesquisadores e colaboradores pelo muito que contribuíram, de forma decisiva, para o bom desenvolvimento dos projetos cancelados por ele.

Entre esses *músicos*, encontram-se, em ordem alfabética: Profa. Dra. Adriene B. Tacla (Estudos Celtas); Profa. Dra. Ana Lívya B. Vieira (História Antiga - UEMA); Profa. Dra. Ana Teresa M. Gonçalves (História Antiga e Medieval - UFV); Prof. Dr. Ciro Flamarion S. Cardoso (História Antiga - UFF); Profa. Dra. Cláudia B. da Rosa (História Antiga - UNIRIO); Prof. Dr. Gabriele Cornelli (Filosofia Antiga - UnB); Prof. Dr. Gilvan V. da Silva (História Antiga e Medieval - UFES); Prof. Dr. Jean-Claude Gardin (Arqueólogo - CNRS); Prof. Dr. José Antônio D. Trabulsi (História Antiga - UFMG); Prof. Dr. José d'Encarnação (Epigrafia Latina - Universidade de Coimbra); Profa. Dra. Maria Manuela R. de Sousa e Silva (Teoria da História - UFRJ); Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho (História Antiga - UNESP); Profa. Dra. Margaret Marchiori Bakos (História - PUC/RS); Profa. Dra. Maria da Graça F. Schalcher (Filosofia Antiga - UFRJ); Profa. Dra. Maria Regina Candido

(História Antiga - UERJ); Profa. Dra. Nely Maria Pessanha (Letras Clássicas - UFRJ); Prof. Dr. Pedro Paulo A. Funari (História Antiga - UNICAMP); Profa. Dra. Sílvia Damasceno A. de Moraes (UFF - Letras Clássicas); Profa. Dra. Sônia Regina R. de Araújo (História Antiga – UFF), dentre outros.

E – o que é espantoso – ao longo desse processo, o LHIA não recorreu à rudeza de Hefafostos, o deus da metalurgia que, com seu machado, abriu o crânio de Zeus para o nascimento de Atená; ao contrário, fez crescer, em torno do campo de pesquisa em História Antiga, um núcleo de investigação que, sem lançar mão de nenhum tipo de discriminação ou preconceito, permitiu a apresentação, nos seus fóruns, de comunicações que abordavam as temáticas propostas a partir de outros *corpus* e histórias, relacionando-as às sociedades greco-romanas. Já se entendia, nessa ocasião, que os valores nelas presentes estavam ligados ao caldeirão cultural formado no Mar Mediterrâneo Oriental, ao longo, principalmente, do primeiro milênio antes de Cristo, tão definitivo na formação das bases da civilização greco-judaico-cristã. Daí por que, desde o início de seu funcionamento, o LHIA conferia uma ênfase especial, rara até então na historiografia ocidental, às civilizações africanas, algumas delas ainda ágrafas, mas outras já construtoras de artefatos e monumentos (tal como a egípcia), hoje reconhecidas como patrimônios da humanidade, porque prenes de princípios civilizatórios, cuja hibridização com outras culturas mediterrânicas deu origem à civilização européia.

No LHIA, incentivava-se também a inter-relação entre os tempos antigos e o contemporâneo, mesmo quando tais ilações eram pouco aceitas no meio acadêmico ortodoxo. Ali se intuía, com inegável pionerismo, sobre a relevância de fenômenos como os de transculturação, ou seja, sobre a importância de consideração às diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, com a consequente criação de novos fenômenos culturais, bem como sobre a necessidade de observação dos desdobramentos de fenômenos tais como aqueles decorrentes da prática de seqüestro de africanos, durante o processo colonialista europeu das Américas, na modernidade. Ciro Flamarion Cardoso bem sintetiza o teor daquelas discussões no editorial da *Phoînix* de 2007, ao citar Terêncio: *Homem sou, e nada do que é humano considero estranho a mim.*

Tomando como exemplo a deusa guerreira que, pelo exercício da inteligência, ganhou a tutela de Atenas, o LHIA voltou-se ao incentivo da pesquisa em História Antiga, em todos os níveis de formação acadêmica:

ao evitar a *hýbris*, na sua forma da vaidade acadêmica, criou, no Rio de Janeiro, um espaço de *philótês*, agregador, voltado aos estudos dessa época histórica que se vem desenvolvendo a cada ano que passa, ganhando, assim, novos adeptos e dimensões.

Como foi esse início? A história do LHIA, como nas epopéias clássicas, só poderia ser narrada através de um conjunto de memórias. O seu fórum máximo foi, sem dúvida, o *Ciclo anual de debates*, que, desde sua fundação, ocorre uma vez por ano, de segunda a sexta-feira, nos três turnos. Nessas ocasiões, são oferecidas atividades que vão de conferências magnas e mesas-redondas temáticas a comunicações individuais. No decorrer dos cinco dias de encontro, o imponente Salão Nobre do IFCS, com seu mobiliário de estilo, entalhado em madeira de lei, altas janelas e lustres imensos, lota completamente. E, a cada ano, um número cada vez maior de salas daquele prédio secular vem sendo ocupadas pelo evento, ficando à disposição dos jovens comunicadores e dos veteranos.

Participantes da área da História, vindos de norte a sul do País, vêm-se constituindo no público diversificado que, juntamente com especialistas, chegados de outros lugares e áreas do conhecimento, tais como Filosofia, Letras, Antropologia e Política, movimentam os debates. O tom do encontro é conferido pela presença de temas desafiantes, aliados a discussões intermitentes, que muito têm ajudado na composição de um cenário propício às trocas de cunho inter e transdisciplinar, proveitosas tanto à pesquisa, como à prática docente de todos. Assim, tratou-se no I Ciclo, de *A mulher na Antiguidade* (1991); no II, de *O homem e a natureza* (1992) e da criação do LHIA; no III, de *Pensar as diferenças: história e ciências sociais* (1993); no IV, de *História antiga* associada ao VI Encontro Nacional da SBEC (1994); no V, de *Práticas políticas na Antiguidade* (1995); no VI, de *A experiência do cotidiano na Antiguidade* (1996); no VII, de *História antiga: novas abordagens interdisciplinares* (1997); no VIII, de *Identidade e alteridade no mundo antigo* (1998); no IX, de *Espectáculos e festas no mundo antigo* (1999); no X, de *Por mares nunca d'antes navegados* (2000); no XI, de *Gênero e sexualidade* (2001); no XII, de *Olhares do corpo* (2002); no XIII, de *Linguagens e formas de comunicação* (2003); no XIV, de *Monumento, visão e memória* (2004); no XV, de *Memória e festa*, juntamente com discussões sobre o VI Congresso da SBEC (2005); no XVI, de *Escritos e imagens na Antiguidade* (2006); no XVII, de *Práticas rituais e religiosidade* (2007).

Eventos, como se sabe, começam em reuniões, às vezes, muito aborrecidas, principalmente as de cunho administrativo, cuja pauta inclui questões que vão da feitura de orçamentos, busca de patrocínios e apoios, definição de locais, de horários e programação à determinação de suas formas de divulgação, ou do tipo de vigilância que será adotada nos dias de acontecimento do encontro. Atualmente, já há empresas que se incubem dessa burocracia fatigante, mediante pagamento.

Mas, um evento fraternal é feito à moda artesanal, à custa do tempo de trabalho e, principalmente, do tempo de lazer dos organizadores, porque, ao longo dessa tarefa, as atividades de ensino-pesquisa prosseguem. Assim, nos finais de semana, é fatal a canalização de pensamentos e atitudes na torcida por que os convidados aceitem fazer a sua parte, por que os estudantes apresentem com amor suas pesquisas e por que o público goste, participe e retorne no ano seguinte! No caso dos debates, inicialmente, devido ao forte envolvimento dos professores e alunos do LHIA, o *stress* ainda era maior, pois o encontro se caracterizava, exatamente, pela proposta de apresentação, à comunidade acadêmica e aos interessados, das possibilidades de realização de pesquisas em História Antiga no País, com fontes primárias, e com seriedade! Mas, valeu! E o retorno foi de tal ordem, que logo o exemplo foi seguido por outros núcleos de pesquisa, e o número de comunicadores se multiplicou!

Neste editorial – em que se recuperam fatos da história do LHIA –, é importante lembrar que o Laboratório nasceu em uma conjuntura de efervescência do mundo intelectual brasileiro. Em 1983, realizou-se, na Universidade Federal da Paraíba, o 1º Simpósio de História Antiga e Medieval, no qual se constatou, segundo o professor Jacyntho Lins Brandão da Universidade Federal de Minas Gerais, que *“a situação do ensino e da pesquisa nessa área do conhecimento no Brasil era bastante sombria”*. Nessa ocasião, dois professores da Universidade Federal Fluminense manifestaram-se: Vânia Leite Froes, denunciando a redução dessa área de estudos nos Cursos de História, sua eliminação do vestibular do Rio de Janeiro e praticamente sua retirada dos currículos dos Ensinos Fundamental e Médio; e Ciro Flamarion Cardoso, salientando que *“a única alternativa seria que os especialistas da área se unissem em algum tipo de associação com a finalidade de lutarem pela solução institucional”*, face aos graves problemas de dispersão que se constataavam entre os próprios professores, pesquisadores e estudantes da área. Os primeiros passos nessa direção fo-

ram dados, no ano seguinte, durante o 1º Congresso Nacional de Estudos Clássicos, promovido pela Universidade Federal de Minas Gerais, ocasião em que foi articulada a fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC).

O fio da meada que liga a história do LHIA, os fatos históricos estudados e o cotidiano acadêmico do terceiro milênio pode ser facilmente desenleado, a partir do V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, em Pelotas (RS), no ano de 2003. Na organização desse evento, encontravam-se os nomes de Fábio Vergara Cerqueira, Anderson Zalewski Vargas e Katia Maria P. Pozzer, atualmente professores universitários, que, na ocasião, juntamente com os colegas Luiz Alberto Grijó e Francisco Marshall, à época acadêmicos de História, e, atualmente, docentes, criaram os *Simpósios de História Antiga*, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os nomes citados foram daqueles jovens que permanecem ainda hoje ligados à área de História Antiga, mas houve outros que cooperaram para que os simpósios chegassem agora à sua nona edição. E se, no LHIA, apontamos a batuta de Neyde, entre os gaúchos, a regência coube à Loiva Otero Félix. Aliás, é essa mestra, que forneceu alguns dados para o presente texto, quem salienta: *a convivência com o grupo formador do LHIA foi um fator de inspiração para criação do Núcleo de História Antiga da UFRGS*, nos finais do século passado. Ainda no que tange à relação entre o LHIA e a História Antiga no Rio Grande do Sul, é importante destacar a presença de Monica Selvatici, com formação no Laboratório carioca, mas que, hoje, é professora na UFPEL e colaboradora das *Jornadas pelotenses*, que estão em sua nona edição.

Em 2007, as profas. Ana Livia Bomfim Vieira e Adriana Maria de Souza Zierer, oriundas respectivamente da UFRJ e UFF, realizaram o II Encontro Internacional e o II Nacional de História Antiga e Medieval, na Universidade Estadual do Maranhão, onde atuam como docentes e pesquisadoras. O sucesso do evento pôde ser medido pelo prestígio a ele conferido pelo Reitor, bem como pelas figuras de proa da História Antiga que dele participaram. Entre outras, destaca-se Ana Teresa Marques Gonçalves, organizadora, desde 2002, da Semana de Estudos da Universidade Estadual de Goiás e uma das criadoras, neste ano de 2008, do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR), que reúne pesquisadores de seis universidades públicas (USP, UFES, UFG, UFOP, UFRB e Unesp-Franca) em torno do propósito comum de estimular a investigação especializada na subárea de História Antiga e Medieval.

Na UEMA, destacam-se ainda as pesquisas de estudantes de História da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, orientandos da profa. Maria Regina Candido, criadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que, neste ano, comemora 10 anos de existência, dedicados à promoção de seminários e cursos em parceria com mestres de outras áreas do conhecimento, tais como Julio Gralha, da Egptologia.

Os historiadores consideram a invenção da escrita como fator determinante para a criação do seu ofício. Mas como traçar uma história de eventos, na qual os historiadores se formam? Inexistem registros, no LHIA, das apresentações dos alunos. Pouco resta que conserve os vestígios daqueles momentos iniciais de deslumbre dos jovens diante da então rara oportunidade de um calouro contar em público as suas histórias pesquisadas e construídas com dedicação! Havia, é claro, alunos desembaraçados. Lembro-me de algumas apresentações retumbantes e de outras em que mal se sussurravam os textos, tal era a timidez do apresentador. Por isso mesmo, talvez seja impossível esquecê-las! Mas eram as primeiras experiências, como ensina Michel de Certeau, de *como* fazer história na junção dos fatos separados, e a consciência disso estimula a comunicação gestual!

Inexistem também registros que digam do encantamento dos professores, de sua atenção e respeito para com a mocidade, permeados pela emoção e envoltos por aqueles momentos de *magia*, representados pela construção lúdica e pedagógica do conhecimento. E isso acontecia no palco democrático proposto pelo LHIA, em um meio acadêmico autoritário e sisudo como o da década de noventa. Mas essa partilha democrática permanece nos dias de hoje.

Em consonância com Agnes Heller, penso que toda história é contada na perspectiva de um epílogo, que, longe de ser uma explicação, deve ter autenticidade, objetividade e plausibilidade, por sua semelhança com a vida. Assim, antes de concluir este editorial, desejo falar do indescritível sentimento de alegria de que era tomada, ao pisar o Largo de São Francisco, vinda do Rio Grande do Sul, para participar das jornadas anuais, alegria essa que aumentava ao subir as altas escadarias de madeira do prédio secular do IFCS e ser recebida, no LHIA, pelo largo e acolhedor sorriso, pelo abraço amigo e as palavras carinhosas de Neyde Theml, sabendo que, depois, o encontro seria complementado e festejado com um almoço no restaurante *Manon*, na histórica rua do Ouvidor!

O convívio com Neyde Theml e seu grupo de pesquisa, ao longo desses anos, tem sido muito gratificante por dois aspectos: o profissional e o pessoal. De um lado, sob o ponto de vista acadêmico, foram imensas as contribuições recebidas: a atividade intitulada *Debates em História Antiga*, promovida pelo LHIA/UFRJ, foi, para mim, uma das fontes inspiradoras para a criação das Jornadas de estudos do Oriente Antigo, que, neste ano de 2008, graças à colaboração do professor Arnoldo Doberstein, da PUCRS, aconteceram em sua décima quarta edição anual consecutiva.

De outro, sob o ponto de vista afetivo, pelas razões já citadas. Finalmente, destaco o apoio, incentivo e colaboração recebidos do LHIA, em 1995, para o desenvolvimento do projeto de pesquisa sobre *Egiptomania no Brasil: sécs. XIX e XX*. Essa investigação, que contou com apoio do CNPq, demonstrou a presença forte do Egito antigo no País, fortalecendo a idéia principal de que a história brasileira se mantém em um processo de hibridização com os reinos e culturas daquele continente, de onde veio, aliás, significativa parcela da população nacional. Esses laços históricos com o antigo Egito são, hoje, fortalecidos pelo LHIA, através de pesquisas realizadas no Museu Nacional do Rio de Janeiro por Antonio Brancaglione, especialista em Egito Antigo e professor da UFRJ.

Segundo Hannah Arendt (1971), metáforas são fios com que o *espírito se prende ao mundo, mesmo nos momentos em que, desatento, perde o contato direto com ele: são eles também que garantem a unidade da experiência humana*. Abordar o LHIA através da metáfora da *Phoênix*, título de sua publicação anual, é uma maneira de caracterizar seu grau de colaboração à História Antiga no País. Como a ave mítica, ela assinala, todo ano, a garra e a persistência de seus fundadores e colaboradores na realização de seu fórum, bem como inspira a formatação de novos espaços de debate, seus desdobramentos pelo país afora.